

Recensão da Antropologia de Immanuel Kant por Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher: Apresentação e tradução¹

[Review from *Immanuel Kant's Anthropology* by Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher: Translation and Presentation]

Alexandre Hahn*

Universidade de Brasília (Distrito Federal, Brasil)

Apresentação

A presente “Recensão da *Antropologia*² de Immanuel Kant” foi publicada anonimamente em agosto de 1799, na segunda parte do segundo volume da revista *Athenaeum*³. Sua autoria é determinada por uma carta⁴ enviada por Schleiermacher a Henriette Herz em 19 de junho de 1799, bem como por alguns aforismos⁵ da mesma época. A composição oferece uma apreciação extremamente crítica do texto

¹ Este trabalho foi realizado durante estadia de pós-doutorado na Brown University (EUA), financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), e supervisionado pelo Prof. Paul Guyer. Gostaria de agradecer a Erick Calheiros de Lima pela revisão da tradução.

* Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: hahn.alexandre@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7566-6419>.

² Trata-se da obra “Antropologia de um ponto de vista pragmático” (KANT, 1798), que reúne as notas utilizadas por Kant em suas preleções sobre antropologia, ofertadas a cada semestre de inverno entre 1772 e 1796, na Universidade de Königsberg.

³ Editado pelos irmãos August Wilhelm Schlegel e Friedrich Schlegel em Jena, entre 1798 e 1800, e impresso em Berlim, o periódico *Athenaeum* foi o principal meio de divulgação de ideias do Círculo de Jena. Além dos já citados editores, faziam parte desse movimento romântico (*Frühromantik*) os filósofos J. G. Fichte, F. W. J. Schelling e Schleiermacher, bem como diversos outros intelectuais. – Para a recensão de Schleiermacher, cf. *Athenaeum, eine Zeitschrift von August Wilhelm Schlegel und Friedrich Schlegel*, 1799, p. 300-306.

⁴ Na referida carta, Schleiermacher relata que, nesta data, após ter almoçado na casa de Veit, “[terminou] de passar a limpo [sua] nota sobre a Antropologia de Kant” (SCHLEIERMACHER, 1992, p. 226, Brief 663).

⁵ Cf. aforismos 172-178 e 189 (SCHLEIERMACHER, 1984).

kantiano, descrevendo-o não apenas como “um livro [de] pouco valor”, mas também “como [a] negação de toda antropologia, como afirmação e simultaneamente prova de que algo semelhante não é possível de modo algum” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 366). Para o autor, “jamais pode ter existido um livro que fosse menos uma obra do que esse” (Ibidem, p. 367), dada a quantidade de confusões e mal-entendidos que o permeiam.

Schleiermacher baseia seu diagnóstico no que considera serem defeitos de conteúdo e de forma da *Antropologia* kantiana. No que concerne ao primeiro ponto, ele entende que o livro é insignificante, pois, na medida em que se resume a uma “coleção de trivialidades”, não seria capaz de ampliar o conhecimento prévio do leitor (ibidem, p. 365).⁶ O trabalho seria igualmente equivocado, porque, ao contrapor as antropologias pragmática e fisiológica, teria impossibilitado ambas (ibidem, p. 366).⁷ Também seria um empreendimento superficial, por apresentar as percepções acerca do ser humano “de maneira inteiramente singular e rasa” (ibidem, p. 367).⁸ Além disso, encerraria a contradição de regressar ao fisiológico (ibidem, p. 367), mesmo após tê-lo banido.⁹

No que se refere à forma, a deficiência da *Antropologia* decorreria da absurda pretensão de ser “ao mesmo tempo sistemática e popular” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 368). Como isso é impossível para o autor da Recensão, tanto a organização quanto a exemplificação dos tópicos da obra teriam sido prejudicados¹⁰. Nesse

⁶ Para o autor da recensão, seria um sinal de inteligência limitada do leitor, caso ele não soubesse nada além e mais profundo sobre o ser humano do que a trivial asserção kantiana, de que “ele faz algo de si mesmo, ou pode e deve fazer enquanto ser que age livremente”.

⁷ Schleiermacher julga desastrosa essa oposição, que separa natureza e liberdade, pois supostamente ela sempre acaba por negligenciar uma das duas. A antiga psicologia teria abstraído o arbítrio (liberdade) e, por isso, “não conseguia responder à pergunta sobre como é possível refletir sobre a mente” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 366). Segundo ele, como a *Antropologia* de Kant despreza a natureza, ela teria dificuldade para explicar a origem das “percepções sobre o que é prejudicial ou benéfico às faculdades da mente” (KANT, Anth, AA 07: 119), e o modo pelo qual “elas devem ser utilizadas para a ampliação dessas faculdades” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 366). – As referências às obras de Kant indicam volume e paginação na edição da “Academia”. As siglas dos títulos originais das obras referidas seguem os padrões da *Kant-Studien*. – cf. KANT, I. *Kant's gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin: G. Reimer, 1902; Berlin & Leipzig: Walter de Gruyter, 1922-.

⁸ Ele afirma que essa superficialidade parece ter sido deliberadamente idealizada, como forma de evitar qualquer suspeita sobre a ideia de que “todo arbítrio é ao mesmo tempo natureza” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 366). Supostamente, ao esquivar-se da generalização do singular, Kant teria dissimulando a existência de uma natureza subjacente aos modos arbitrários de agir do ser humano.

⁹ O autor dá a entender que Kant teria uma visão estreita sobre a natureza humana (do fisiológico), reduzindo-a “ao corpóreo, ao corpo vivo e à misteriosa comunhão da alma com ele” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 367). Por isso, este teria desprezado a “reflexão teórica acerca do que é operado pelo corpo na mente”, e se concentrado estritamente na “influência prática da mente sobre o corpo” (idem). Mas, contraditoriamente, continuaria a cultivar secretamente um velado realismo, “mesmo depois de tê-lo demolido e esmagado” (idem).

¹⁰ Nesse contexto, conforme a visão do resenhista, “a sistemática naufragou no esforço pelo popular e, devido a uma tendência inata à sistemática, no lugar do popular, restou com frequência apenas o espaço vazio, em que ele poderia ser inserido” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 368).

sentido, dada a inconstância das subdivisões e a discrepância entre o título dos capítulos e seu conteúdo, certamente não poderia haver nela qualquer princípio organizador¹¹. A forma pela qual essa ciência foi apresentada também não teria facilitado o trabalho do leitor (ou seja, da consciência comum) que eventualmente desejasse “encaixar suas observações particulares” (idem) na estrutura da mesma, já que não esclareceu como esse sujeito deveria proceder.¹² Somam-se a todos esses problemas o emprego de um questionável jargão técnico, baseado “em um afetado jogo de palavras, a completa ignorância da arte e, principalmente, da poesia” (ibidem, p. 369), e vários preconceitos. Devido a tudo isso, segundo o autor, deveríamos nomear “o livro de a ‘gritaria infantil’ desse tipo de filosofia” (idem). Supostamente, a obra retrataria um empreendimento ainda pouco amadurecido, um projeto em seu estágio inicial de desenvolvimento.

A importância da presente Recensão, para a recepção da *Antropologia* kantiana, pode ser estimada pelo fato de ser uma das poucas considerações publicadas sobre a obra¹³. Apesar do grande sucesso experimentado pelas preleções sobre antropologia¹⁴, de cujas notas resultaram o texto em questão, bem como da expectativa de alguns amigos de Kant com a publicação da sua *Antropologia*¹⁵, e do seu bom êxito de vendas¹⁶, o livro praticamente não gerou repercussão nos periódicos da época¹⁷. Somente na segunda metade do século XX, a obra começou a despertar maior atenção¹⁸, chegando a converter-se em um foco de interesse dos estudiosos da

¹¹ Para Schleiermacher, ainda que fossem feitos reparos no texto da *Antropologia*, “nada haveria de sistemático nela, porque lhe falta aptidão para isso no mais íntimo” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 368).

¹² Em vez de explicar como as percepções deveriam ser agrupadas nessa construção, Kant a teria deixado muitas vezes “inteiramente vazia, para entreter a si e a nós com coisas bem diferentes” (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 368).

¹³ Embora J. W. von Goethe tenha feito elogios à obra, em carta enviada a F. Schiller em 19 de dezembro de 1798, definindo-o como “um livro muito valioso, especialmente quando retomado em pequenas dozes” (Carta 3949 – 1893, p. 346), não está claro se essa opinião alcançou o grande público (cf. GOETHE, 1893).

¹⁴ Conforme Manfred Kuhn, “as preleções sobre antropologia [...] estavam entre as preleções mais frequentadas, que [Kant] alguma vez ofereceu” (KANT, 2006, p. ix).

¹⁵ Em cartas de Carl Friedrich Staudlin, Johann Erich Biester e Johann Heinrich Tieftrunk, enviadas a Kant em 1794 e 1797, fica evidente o entusiasmo de todos com a possível publicação da obra em um futuro próximo (KANT, Br, AA 11: 508; AA 12: 202, 219).

¹⁶ Foram impressos 2.000 exemplares da *Antropologia* na sua primeira edição, mais do que qualquer outra obra kantiana anteriormente publicada, e uma nova tiragem de 1.800 exemplares teve de ser impressa para a feira pascal (*Ostermesse*) do ano seguinte (cf. SCHUBERT, 1842, p. 154).

¹⁷ Schleiermacher faz essa observação no início da sua recensão (SCHLEIERMACHER, 1984, p. 365). Patrick Frierson propõe que, na época da sua publicação, a obra foi largamente ignorada pela comunidade filosófica, pois esta “estava preocupada com os últimos trabalhos de Reinhold, Fichte e dos primeiros românticos alemães”, que discutiam diferentes orientações para o desenvolvimento da filosofia crítica de Kant (cf. FRIERSON, 2016, p. 197).

¹⁸ O primeiro estudo acadêmico relevante talvez tenha sido a *tese complementar* de Michel Foucault, que acompanhava a sua tradução da obra para o francês, apresentada em 1961 à Escola Normal Superior de Paris, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em filosofia (cf. FOUCAULT, 2008).

filosofia kantiana na virada do milênio¹⁹. Nesse ínterim, a referida Recensão configurou-se na mais técnica opinião disponível acerca da obra. Logo, é possível que tenha, durante muito tempo, “reforçado o desinteresse do público” (BRANDT, 1999, p. 9) no escrito kantiano.

Ainda que, pontualmente, Schleiermacher possa ter razão em algumas de suas críticas, sua avaliação geral não faz justiça à obra. É controverso que se trate de um livro insignificante e de pouco valor, uma vez que apresenta considerações importantes acerca do ser humano como cidadão do mundo²⁰ e da formação do seu caráter moral²¹, que impactam diretamente as concepções tardias das filosofias moral e política de Kant²². Da mesma forma, é contestável que a *Antropologia* não amplia o conhecimento prévio do leitor, já que, em vez de reunir novos conhecimentos teóricos acerca da natureza humana, a obra visava direcionar a atenção do público leitor às percepções (que cada um seria igualmente capaz de compilar por conta própria) sobre o que é prejudicial ou favorável ao uso das faculdades de conhecer, de desejar, e de sentir prazer e desprazer²³. Schleiermacher também parece não ter compreendido corretamente o espírito da distinção kantiana entre as antropologias fisiológica e pragmática, pois acreditava que se tratava de uma separação entre natureza e arbítrio (liberdade), quando, na verdade, a obra considera o homem integralmente, como um ser natural que é capaz de agir livremente²⁴. Por fim, é

¹⁹ Especialmente após a publicação do volume 25 da Academia em 1997, dedicado às *preleções sobre antropologia*, houve um significativo aumento no interesse pelo tópico, e o aparecimento de estudos dedicados à *Antropologia*. Dentre eles destacam-se a análise de Reinhard Brandt, *Kritischer Kommentar zu Kants Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (1798)* de 1999, e obra de Holly L. Wilson, *Kant's pragmatic Anthropology: its Origin, Meaning, and Critical Significance*, de 2006.

²⁰ Cf. KANT, Anth, AA 07: 120, 130, 316, e 325.

²¹ Cf. KANT, Anth, AA 07: 285, 291-295, 321-325, e 329-333.

²² Desde a *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), Kant destacava a importância da antropologia para a aplicação da moral aos seres humanos (KANT, GMS, AA 04: 412). Na *Metafísica dos costumes* (1797), além de julgá-la imprescindível para a realização dos princípios morais, lhe atribuiu a alcunha de antropologia moral (KANT, MS, AA 06: 217). Embora alguns intérpretes discordem que a *Antropologia* corresponda exatamente a essa antropologia moral (BRANDT, 1999, p. 14), é inegável que vários capítulos da obra de 1798 abordam questões de interesse direto da moral. No que se refere à política, a abordagem do homem como um cidadão do mundo reforça não apenas a ideia de que vivemos em uma grande comunidade universal (KANT, MS, AA 06: 352), mas também que devemos nos organizar para garantir o direito cosmopolita à hospitalidade (KANT, ZeF, AA 08: 157-158; Anth, AA 07: 333).

²³ Segundo o filósofo de Königsberg, “nada se ganha com todo raciocínio teórico” (KANT, Anth, AA 07: 119) sobre o funcionamento das faculdades humanas, ou sobre as supostas causas das operações da mente, pois aquele que teoriza sobre a faculdade de recordar, por exemplo, não se torna apto a manejar as fibras e nervos encefálicos “para seu propósito” (idem), permanecendo sempre um mero “espectador do jogo da natureza”, daquilo que ela faz do ser humano. Os conhecimentos pragmáticos, por outro lado, seriam mais úteis porque ensinariam o que se deveria evitar ou fomentar no uso das faculdades, habilitando o homem a tomar parte desse jogo da natureza (KANT, Anth, AA 07: 120).

²⁴ Ao investigar o ser humano empiricamente, a *Antropologia* o considera como um ser cuja fisiologia corpórea e mental é um produto inalterável da natureza. Por isso, em vez de teorizar sobre as supostas causas das operações do

questionável a suposta ausência de sistematicidade da obra, já que o conceito racional de homem como ser livre, dotado de faculdades autônomas (discutidas por Kant ao longo das suas três *Críticas*), parece constituir perfeitamente a ideia de um todo que organiza, articula ou ordena as partes (os conhecimentos empiricamente adquiridos)²⁵.

A tradução, aqui apresentada, baseou-se na versão da edição crítica e completa das obras de Schleiermacher (*Kritische Gesamtausgabe*), presente no volume dedicado aos escritos do período berlinense de 1796-1799. Também foi consultada a versão original, publicada no periódico *Athenaeum*. Todas as notas presentes na tradução são acréscimos da edição crítica, com a finalidade de facilitar a confrontação da Recensão com o texto kantiano.

Tradução

[365] *Antropologia* de Immanuel Kant. Königsberg, 1798.

Um extrato desse livro, que se ocupa do singular, dificilmente poderia ser outra coisa exceto uma coleção de trivialidades; mas caso devesse conter um esboço do plano e da composição, então tem de revelar-se necessariamente, sob uma pena literalmente inquieta, como um claro desenho da mais extravagante confusão. Essa particularidade explica suficientemente o até aqui, tanto quanto estou informado, silêncio geral dos periódicos eruditos: pois extratos envoltos em um delicado quadro de clichês não muito batidos são, há muito tempo, o único expediente possível de constrangidos resenhistas, bem como para resenhistas de constrangidos redatores.

Caso alguém, no entanto, tenha tido a boa vontade de não apenas querer relatar algo do livro, mas também dizer algo sobre o mesmo, então este tem outra desculpa igualmente bem fundada para seu silêncio. É estranho que a maioria dos leitores e críticos, não importa quão pouco aliás possam saber com profundidade, tenha mesmo assim certa veneração pedante pelo título de um livro, especialmente quando designa um conteúdo científico e é considerado sob esse ponto de vista, ainda que não haja

corpo e da mente, lhe interessa muito mais avaliar quais ações ou usos das faculdades (cognição, volição e gosto) podem ser prejudiciais ou favoráveis ao ser humano. Esse último conhecimento é denominado pragmático porque pode ser utilizado para orientar ações em vista de diferentes fins.

²⁵ Defendi em outro lugar que a ideia de homem cumpre essa função sistematizadora (Cf. HAHN, 2017, pp. 19-33). Michel Foucault também defende que a estrutura sistemática da *Antropologia* é herdada da *Crítica* (FOUCAULT, 2011, p. 82).

muito a dizer sobre o livro. Quem o toma por uma antropologia²⁶, quer dizer, uma antropologia pragmática no sentido dado por Kant, e, por conseguinte, visando a ampliação do seu conhecimento mediante observações novas ou reorganizadas, esperava um generoso compartilhamento do acervo de uma vida filosófica, coligido em sua maior parte do autoconhecimento [*Selbstanschauung*], este tem de achar a obra insignificante: pois quem não sabe nada além e mais profundo acerca do ser humano do que aquilo que encontra aqui registrado, “que o homem faz, ou pode e deve fazer algo de si mesmo enquanto ser que age livremente”²⁷, nem sequer pode ser considerado uma pessoa de inteligência mediana. Seria tolo querer provar isso antes de [366] encontrar alguém que o negue explicitamente. Este, todavia, não é o ponto de vista correto a partir do qual a obra deve ser considerada. Muitas vezes deve-se partir do pressuposto de que um livro que tem pouco valor, quando tomado pelo que afirma ser, pode, no entanto, ser relevante como o oposto ou como algo diferente, e, desta forma, este livro também parece ser excelente, não como antropologia, mas como negação de toda antropologia, como afirmação e simultaneamente prova de que algo semelhante, segundo a ideia proposta por Kant e conforme o seu modo de pensar, não é possível de modo algum, deliberadamente edificada, assim como ele muitas vezes, nas divisões das ciências ou nos seus objetos, explicitamente arquiteta e constrói as especialidades vazias²⁸. Quem olhar atentamente o prefácio, que é a afirmação disso tudo, e compará-lo com a obra, deve convencer-se facilmente de que isso apenas pode ter sido a intenção desse respeitável homem. A oposição entre antropologia fisiológica e pragmática, fundada no modo de Kant pensar e aqui fielmente compilada, torna de fato impossível ambas²⁹. Há, certamente, duas autênticas oposições na origem dessa divisão: que todo arbítrio [*Willkühr*] no ser humano é natureza, e que toda natureza no ser humano é arbítrio; mas a antropologia deve ser precisamente a união das duas, e não pode subsistir senão por meio dela; fisiológico e pragmático são uma e a mesma coisa, apenas considerada em sentidos diferentes. A antiga psicologia, da qual graças a Deus não se fala mais, abstraiu a última dessas duas proposições e, por isso, não conseguia responder à pergunta sobre como é possível refletir acerca da mente [*Gemüt*] quando não há liberdade nessa reflexão e, portanto, nenhuma garantia de verdade da mesma. Kant quer evitar a primeira proposição, porque, como se sabe, o Eu não tem natureza para ele, e assim surge o questionamento sobre a procedência das “percepções acerca

²⁶ Cf. Anth, AA 07: 119: “uma doutrina do conhecimento do ser humano, sistematicamente composta (Antropologia), pode ser do ponto de vista *fisiológico* ou *pragmático*. – O conhecimento fisiológico do ser humano se refere à investigação do que a *natureza* faz do homem; o pragmático considera o que *ele* faz de si mesmo, ou pode e dever fazer como ser que age livremente”.

²⁷ Anth, AA 07:119.

²⁸ Cf., por exemplo, MS-RL, AA 06: 239-242. — Cf. Anth, AA 07: 119–122.

²⁹ Cf. Anth, AA 07: 119; veja acima nota 29.

do que é prejudicial ou benéfico às faculdades da mente”³⁰, e como devem ser utilizadas para a ampliação dessas faculdades se não houver uma maneira física de considerar e abordar o Eu, segundo a ideia de que todo arbítrio é ao mesmo tempo natureza. Para tornar isso bem claro, tudo o que aqui deve ser pensado de tais [367] percepções está posto de maneira inteiramente singular e rasa, quase que deliberadamente, para que não se possa nem suspeitar de tal ideia, privada completamente de toda exposição e conexão, não apenas interna e consigo, mas também com os títulos sob os quais o singular é apresentado. O artifício [*Kunst*] está entrelaçado com a sentença de morte da natureza, e jamais pode ter existido um livro que fosse menos uma obra do que esse. O mal-entendido dessa oposição reunida na Antropologia, em virtude da qual Kant relaciona, ao longo da mesma, a natureza ao corpóreo [*Körperliche*], ao corpo vivo [*Leib*] e à misteriosa comunhão da alma com ele, não surpreenderá ninguém; vê-se aqui, no entanto, mais do que em outros lugares, como isso, que parece ser apenas uma pura idolatria do arbítrio, está intimamente conectado com um velado realismo, que Kant secretamente ainda cultua, mesmo depois de tê-lo demolido e esmagado. Indiscutivelmente, para tornar bem explícito e expressar de forma característica o desprezo pela reflexão teórica acerca do que é operado pelo corpo na mente³¹, ele estabeleceu como alvo prioritário a influência prática da mente sobre o corpo, onde isso é apenas possível³², por meio do qual a antropologia é inteiramente afastada de sua tendência natural de ser ascética, no sentido mais amplo da palavra (um fim que tem de ser alcançado, de certa forma, em toda verdadeira abordagem da mesma³³) e, por outro lado, torna-se dietética em um sentido muito estreito. Nesse bem comportado círculo, Kant regressa efetivamente ao fisiológico, e isso claramente mostra que lhe interessava apenas tornar explícita uma contradição. Desta e não de outra maneira, deve-se esclarecer³⁴ que o descanso após o trabalho e os prazeres de uma boa mesa regressam sempre imperceptivelmente como momentos centrais³⁵, e que os afetos³⁶ e outras coisas que

³⁰ Anth, AA 07: 119: “Mas, se para ampliar a memória ou torna-la ágil, ele utiliza as percepções sobre o que a prejudica ou a beneficia, e para isso necessita do conhecimento do ser humano, então isso constituiria uma parte da antropologia de um ponto de vista *pragmático*, e é precisamente desta que nos ocupamos aqui.”

³¹ Cf., por exemplo, Anth, AA 07: 119: “Quem reflete sobre as causas naturais, nas quais, por exemplo, a faculdade de recordar pode se basear, pode argumentar com perspicácia (conforme Descartes) sobre os traços deixados no cérebro pelas impressões das sensações sofridas; mas tem de admitir que é mero espectador nesse jogo das suas representações, e que tem de deixar a natureza atuar, porque não conhece as fibras e os nervos encefálicos, nem sabe como maneja-los para seu propósito, portanto, todo raciocínio teórico sobre isso é pura perda de tempo.”

³² Cf., por exemplo, Anth, AA 07: 261-263.

³³ Provavelmente faz alusão à Anth, AA 07: 207.

³⁴ Cf., por exemplo, Anth, AA 07: 207-208.

³⁵ Cf., por exemplo, Anth, AA 07: 278-281.

³⁶ Cf., por exemplo, Anth, AA 07: 261-262.

ocorrem na mente são tratados regularmente como meios digestivos. Seria evidentemente injusto considerar isso de outra maneira ainda mais característica.

Com relação à forma, Kant também impôs duas exigências à antropologia, cuja junção ele igualmente só pode ter pretendido apresentar como algo impossível [368], a saber, que ela deve ser ao mesmo tempo sistemática e popular, uma palavra cujo significado neste lugar, por sorte, ele próprio indicou³⁷. Aqui, a sistemática naufragou no esforço pelo popular e, devido a uma tendência inata à sistemática, no lugar do popular, restou com frequência apenas o espaço vazio em que ele poderia ser inserido. Por naufrágio da sistemática, não entendo aquela já mencionada confusão no singular, que é visível de imediato. Certamente, nenhum princípio de organização [*Eintheilungsprincip*] é implementado, as subdivisões variam de forma extraordinária, o título dos capítulos e o conteúdo geralmente são completamente estranhos um ao outro; uma elaboração que não impressionará tanto o leitor atento quanto o título que ocorre um par de vezes: notas esparsas³⁸. No entanto, tudo isso poderia ser facilmente corrigido por uma revisão e reviravolta do livro, mediante alguns acréscimos e várias omissões de coisas frequentemente repetidas, e que são supérfluas uma vez ditas; e, mesmo assim, nada haveria de sistemático nela, porque lhe falta aptidão para isso no mais íntimo, como se lhe tivesse sido arrancado à força. Para dar à consciência comum a oportunidade de encaixar suas observações particulares, nem a ciência nem o seu objeto deveriam ser concebidos e apresentados de uma maneira peculiar, segundo alguma intuição original subjacente ou outro princípio interno, mas sim apenas como ela [a consciência comum] é conduzida a essa ciência; mas, porque o autor que pensa e vê mais profundamente enxerga a mente de outra maneira, e entende dividir diferentemente seus diversos modos de operar, de sorte que suas divisões nunca coincidem com essa construção e, por conseguinte, suas percepções também não se deixam agrupar na mesma, ele teve de nos privar da maior parte da mesma, e por má vontade deixa aquela construção muitas vezes inteiramente vazia, para entreter a si e a nós com coisas bem diferentes. Por meio dessa destruição bilateral, ele provou irrefutavelmente que é impossível refletir sobre o singular que se manifesta na experiência interior, se o empreendimento não começar em um ponto de partida mais elevado. Nesse sentido, poder-se-ia chamar o [369] livro de a “gritaria infantil” desse tipo de filosofia que,

³⁷ Anth, AA 07: 121-122: “uma antropologia sistematicamente projetada e, no entanto, popular (pela referência a exemplos que cada leitor pode encontrar por si mesmo), elaborada de um ponto de vista pragmático, leva consigo ao público leitor a vantagem de que, pela totalidade dos títulos sob os quais pode ser colocada esta ou aquela propriedade humana observada na prática, lhe são dadas várias ocasiões e encorajamentos para tratar cada propriedade como um tema próprio, colocando-a no seu correspondente compartimento; desta forma, na antropologia, os trabalhos se dividem por si mesmos entre os amantes desse estudo e serão posteriormente reunidos em um todo pela unidade do plano; pelo que será então promovido e acelerado o crescimento da ciência de utilidade geral”.

³⁸ Anth, AA 07: 217; 301; 306.

na dupla exigência a ela imposta, “sente [sua] incapacidade como um grilhão que lhe toma a liberdade”³⁹. Mas, assim como a forma dos músculos e o limite dos vários membros se manifestam mais fortemente no esforço físico quanto mais eles se aproximam do limite de suas forças; assim também a forma do espírito [*Geist*] e o limite de suas partes singulares foram apresentadas com muito mais precisão do que de costume, nesse esforço empreendido expressamente com tal propósito. Algo sobre isso, concernente à filosofia, eu notei bem no início; um pouco mais adiante há algumas coisas que apontam para a personalidade. A admiração desdenhosa do engenho [*Witz*], do qual o próprio Kant tanto tem, e de um tipo muito mais valioso do que o que ele aqui denomina engenho pesado⁴⁰ – apenas porque falou muito sobre isso aqui⁴¹ – o ódio aos jogos de palavras, uma vez que sua etimologização e grande parte de sua linguagem técnica, especialmente nos escritos tardios, se baseia em um afetado jogo de palavras, a completa ignorância da arte e, principalmente, da poesia⁴², o tratamento do gênero feminino como um derivado, e sempre como um meio⁴³, a característica dos povos⁴⁴ que tem muito o gosto dos deleites à mesa, essa e várias outras são as contribuições para uma kantologia que poderia ser ulteriormente levada a termo, tanto fisiológica quanto pragmaticamente, um estudo que queremos recomendar da melhor maneira aos cegos admiradores do grande homem.

³⁹ Cf. Anth, AA 07: 327n: “a gritaria que uma criança recém-nascida emite não tem em si o tom do lamento, mas o da indignação e da erupção de cólera; não porque algo lhe dói, mas porque algo lhe irrita: provavelmente porque ela quer se mover e ao mesmo tempo sente sua incapacidade para isso, como um grilhão que lhe toma a liberdade”.

⁴⁰ Anth, AA 07: 222: “[...] um engenho como este, que torna o desprezível ainda mais desprezível pelo contraste, é muito animado pela surpresa do inesperado, mas é sempre apenas um *jogo* e um leve engenho (como o de Voltaire); por outro lado, o que apresenta princípios verdadeiros e importantes de forma velada (como Young em suas sátiras) pode ser denominado um engenho bem pesado, porque é um *empreendimento* e traz consigo mais admiração do que divertimento”.

⁴¹ Cf. Anth, AA 07: 221: “a caça de ditos espirituosos (*bon mots*), tal como os enunciava abundantemente o abade Trüblet, e nisso torturava o engenho, torna rasas as cabeças, ou as repugna profundamente. [...] O engenho é insípido com jogos de palavras”.

⁴² Cf. Anth, AA 07: 246-249.

⁴³ Cf. especialmente Anth, AA 07: 303-310.

⁴⁴ Cf. Anth, AA 07: 311-320.

Referências

- Athenaeum, eine Zeitschrift von August Wilhelm Schlegel und Friedrich Schlegel.* Zweiten Bandes Zweites Stück. Berlin: Heinrich Fröhlich, 1799.
- BRANDT, R. *Kommentar zu Kants Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (1798). Hamburg: Felix Meiner, 1999.
- FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2008.
- FRIERSON, P. *Kant's Questions: What is the Human Being*. Draft, jan. 2016, p. 197. Acessado em 20 de Agosto de 2020: <
<http://people.whitman.edu/~frierspr/WITHB%20jan%202016%20draft.pdf>>.
- GOETHE, J. W. von. *Goethes Werke*. Hrsg. im Auftrage der Großherzogin Sophie von Sachsen, IV. Abt., 13. Bd. (Goethes Briefe: 1798). Weimar: Hermann Böhlau, 1893
- HAHN, A. "Antropologia pragmática como conhecimento do mundo em Kant". In: CORREIA, A.; HAMM, C.; PEREZ, D. O. *Kant*. Coleção XVII Encontro ANPOF: ANPOF, pp. 19-33, 2017.
- KANT, I. *Kant's gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin: G. Reimer, 1902; Berlin & Leipzig: Walter de Gruyter, 1922-.
- KANT, I. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht abgefaßt*. Königsberg: Friedrich Nicolovius, 1798.
- KANT, I. *Anthropology from a pragmatic point of view*. Translated and edited by R. B. Louden; with and introduction by M. Kuehn. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2006.
- SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Kritische Gesamtausgabe*. Hrsg. von H.-J. Birkner und G. Ebeling, H. Fischer, H. Kimmerle, K.-V. Selge, 5. Abt. – Briefwechsel und biographische Dokumente, Bd. 3 (Briefwechsel: 1799-1800). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1992.
- SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Kritische Gesamtausgabe*, 1. Abt. – Schriften und Entwürfe, Bd. 2 (Schriften aus der Berliner Zeit: 1796-1799. Hrsg. von Günter Meckenstock), 1984.
- SCHUBERT, F. W. *Immanuel Kant's Biographie zum grossen Theil nach handschriftlichen Nachrichten dargestellt*. Leipzig: Leopold Voss, 1842
- WILSON, H. L. *Kant's pragmatic Anthropology: its Origin, Meaning, and Critical Significance*. New York: State University of New York Press, 2006.

Recebido em: 02/2021

Aceito em: 03/2021